



## “Às vezes a gente não conhece nada sobre os nossos vizinhos e sabe muito sobre a Europa”: um estudo sobre a construção da identidade e das crenças de alunos intercambistas do Brasil e da Argentina

**Bolsista: Mayra Wosniak Freitas**  
**Curso de Letras**

**Orientadora: Dorotea Frank Kersch**  
**PPG Linguística Aplicada**



Apoio:



|  |   |  |
|--|---|--|
| <p><b>1. Introdução:</b></p> <p>O Brasil, buscando a liderança científica no MERCOSUL, vem fomentando programas de intercâmbio em parceria com países membros. Um exemplo é o “Parcerias Universitárias de Graduação em língua espanhola e portuguesa”, do qual participam a UNISINOS, de São Leopoldo-RS e a UNCUIYO, de Mendoza-AR. Entre os objetivos do programa em questão está o estímulo ao intercâmbio de estudantes de graduação, com foco no ensino de língua, português e espanhol como segunda língua.</p>   | <p><b>4. Resultados</b></p>   |  |
| <p><b>2. Fundamentação teórica:</b></p> <p>Para fundamentarmos a pesquisa usamos os conceitos de identidade apresentado por Fabrício (2013), Gee (2001), Moita Lopes (1998) e Antaki e Widdicombe (1998) e o conceito de crenças apresentado por Barcelos (2004, 2007).</p>  | <p><b>Ana:</b> “(...) antes de <b>conhecer</b>, antes de me <b>mover</b>, eu não sentia, né então... na minha escola eu aprendi inglês (...)”</p>                               | <p>O uso dos verbos destacados nos mostra que a entrevistada para sentir parte dos falantes do espanhol, ela precisou conhecer e se mover nessa nova língua, pois seu único contato tinha sido com o inglês.</p>   |
| <p><b>3. Metodologia:</b></p> <p>Pretendemos investigar de que modo o programa mencionado anteriormente tem contribuído para a mudança da visão sobre as crenças na aprendizagem, e como viagens de estudo financiadas por ele têm contribuído para a constituição de identidades. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, das quais foram selecionadas três com intercambistas argentinos e três com brasileiros, que foram transcritas de acordo com o modelo apresentado por Marcuschi (1989), adaptado pelos participantes do grupo de pesquisa que integro.</p>   | <p><b>Juliana:</b> “(...) o espanhol faz poucos anos é uma língua <b>obrigatória</b> de ser ensinado no ensino médio, já o inglês é ensinado desde a quinta serie (...)”</p>    | <p>Para a entrevistada o fato do inglês ter se tornado uma língua obrigatória antes do espanhol e os alunos só terem contato com ela no ensino médio, dá um prestígio maior ao inglês e a partir disso cria – se a crença de que inglês é mais importante.</p> |
| <p><b>5. Conclusão:</b></p> <p>Na escola desenvolve-se a crença de que o inglês tem mais prestígio. O intercâmbio e a vivência no exterior dão outra visão aos alunos. Os intercambistas compartilham a crença de que o estudo da língua espanhola é mais significativo do que o estudo de língua inglesa, decorrente da aproximação geográfica entre Brasil e Argentina. Além disso, a estada no outro país permite a construção de novas identidades.</p>  | <p><b>Carolina:</b> “(...) então ter ido para lá fechou, parece que complementou, então hoje em dia estou completa no curso, digamos assim.”</p>                                | <p>Nesse trecho a entrevista demonstra o quanto ter participado do intercâmbio influenciou sua formação e com isso criando nela uma identidade, um sentimento de pertencimento como falante de espanhol.</p>   |
| <p><b>6. Referências:</b></p> <p>ANTAKI, Charles; WIDDICOMBE, Sue. Identities in talk. London: SAGE, 1998.</p> <p>FABRÍCIO, Branca Falabella. A outridade lusófona em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.) <b>Português no século XXI: ideologias lingüísticas</b>. São Paulo: Parábola, 2013, p. 144-168.</p> <p>GEE, James Paul. Identity as an analytic lens for research in education. In: <b>Review of research in education</b>, n.25, 2001, p. 99-125.</p> <p>MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In <b>Linguagem e identidade: elementos para discussão no campo aplicado</b>. Inês Signorini (org.), Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.</p> <p>MARCUSCHI: Marcuschi, Luiz Antônio. <b>Análise da Conversação</b>, 1986, Ed. Ática.</p> | <p><b>Vitor:</b> “(...) achei muito melhor estudar português do que inglês e eu acho que se tem que ensinar mais português do que inglês nas escolas”</p>                       | <p>O intercambista argentino mostra na sua fala que é mais significativo aprender/ensinar português na escola principalmente pela proximidade dos países de fala espanhola com o Brasil</p>  |
|  | <p><b>Marcela:</b> “(...) sinto que eu <b>sou</b> uma brasileira mais, mais... (...) posso caminhar pela cidade, tudo, e eu sei que... E, é como se tudo fosse <b>meu</b>.”</p> | <p>A intercambista argentina ao usar o verbo sou e o pronome possessivo “meu” nos mostra uma forte identificação com a nova identidade que está sendo formada.</p>   |
|  | <p><b>Renata:</b> “Uma pessoa não pode associar uma interação se não compartilha a língua (...)”</p>  | <p>Para que aja uma interação as pessoas precisam compartilhar a língua e a partir dessas interações novas identidades vão sendo co-construídas.</p>   |